Opinião Socialista

PSTU

Ano XIII - Edição 390 - Colaboração: R$ 2 - De 30/09 a 06/10/2009 - www.pstu.org.br

A CRISE ACABOU OU ESTÁ APENAS COMEÇANDO?

Páginas 8, 9, 10, 11 e 12

BANCÁRIOS, CONSTRUÇÃO CIVIL E CORREIOS: LUTAS QUE SACODEM O PAÍS

Páginas 5,6 e 7

POVO HONDURENHO MOSTRA QUE É POSSÍVEL DERROTAR O GOLPE

Páginas 14 e 15

GASTOS – Segundo pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o gasto anual de um pobre no Brasil é o mesmo de um rico em apenas três dias. Os ricos são 1% da população.

BRAZILIDADE – No seminário nacional sobre educação realizado pelo PSDB, foram distribuídos adesivos com a palavra "Brasil" escrita com "Z". "PSDB a favor do Brazil", estampava o material.

INVESTIGADOS

Segundo o site Congresso em Foco, a quantidade de processos contra deputados e senadores aumentou 51% desde o início da atual legislatura. Só o número de parlamentares investigados pelo Supremo Tribunal Federal (STF) aumentou de 101 para 153 em quase um ano e meio. Inquéritos e ações penais também deram um salto de 197 para 333, um aumento de 68%. Os partidos que têm o maior número de parlamentares investigados são PMDB e DEM (antigo PFL). Até hoje, o STF não condenou qualquer integrante do Congresso.

PÉROLA

"O bom dirigente sindical é aquele que tem coragem de começar a greve e tem coragem de acabá-la"

Presidente Lula, preocupado com a continuidade da greve dos Correios (UOL Notícias, 18/9/2009)

CHARGE / LATUFF

TROGLODITA

O governador de Mato Grosso do Sul, André Puccinelli (PMDB-MS), provou que é uma figura de proa no que se refere à baixaria nacional. Recentemente, durante um encontro com usineiros (considerados "heróis" por Lula), o governador disse sobre o ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc: "é veado e fuma maconha" e que "ia correr atrás dele e estuprá-lo em praça pública" caso fosse ao estado. O motivo dos ataques é um projeto que pretende limitar de forma tímida o cultivo da cana-de-açúcar no Pantanal. O projeto tornou-se um "incômodo" para os usineiros do estado, encorajados a ampliar seus negócios devido ao estímulo dado pelo governo ao etanol.

Governador André Puccinelli

ÍNDIOS AMEAÇADOS

No último dia 18, um grupo de dez homens atacou a comunidade Apykay, do povo Guarani Kaiowá, que vive em um acampamento às margens da BR-483, próximo ao município de Dourados, Mato Grosso do Sul. O bando atirou em direção aos barracos e feriu um guarani. Casas e objetos foram queimados. As famílias Guarani Kaiowá estão acampadas desde abril na região, onde aguardam a demarcação de suas terras. De acordo com a reportagem do Cimi, o bando teria dito que quem mandava na área era "a polícia da empresa".

CARTEIROS E BANCÁRIOS

Na manhã do dia 23, ocorreu em Fortaleza (CE) um exemplo espetacular de unidade de ação entre os trabalhadores bancários e dos Correios. O fato aconteceu diante do edifício-sede da Caixa Econômica Federal, no centro da cidade. A Caixa contratou seguranças particulares para impedir o movimento sindical de fechar a agência e realizar piquetes. Mas um trabalhador do Banco do Brasil que estava no local resolveu dirigir-se até o acampamento dos trabalhadores em greve dos Correios, a poucos metros dali, e pedir auxílio. Estes tomaram a providência de montar uma "comissão" de mais de 20 carteiros e foram até o prédio da Caixa. O "reforço" dos carteiros furou o "cordão de isolamento" e bancários e carteiros conseguiram entrar no prédio sem maiores problemas.

VÍDEO NO PORTAL

A coragem do governo

O governo Lula falou que os sindicalistas dos Correios precisavam ter "coragem" para acabar com a greve. Também disse que a proposta de acordo por dois anos era "razoável" e que era melhor acabar logo com a greve.

...e a dos grevistas

No vídeo do Portal do PSTU, os trabalhadores dos Correios respondem ao presidente, direto da assembleia, na Praça da Sé. Mostram porque têm coragem, seja nos dias de greve ou enfrentando o dia a dia do trabalho e o salário baixo. Os trabalhadores ainda afirmam que o governo tem coragem... para dar dinheiro aos banqueiros!

ASSISTA ESTE E OUTROS VÍDEOS EM **www.youtube.com/portaldopstu**

OPINIÃO SOCIALISTA é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva **DIAGRAMAÇÃO** Victor Pontes "Bud" **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5776 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1° andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3015-0010 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Rua Itapagipe, 64 - Santa Rita
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 60015-340.
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)-CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1° and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA - Travessa Dr. Prisco, 80, sala 301 Centro - juizdefora@pstu.org.br
UBERABA *uberaba@pstu.org.br*
R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
UBERLÂNDIA - (34) 3229-7858

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utingá - (91) 3276-4432

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1° andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)
MARINGÁ -Rua José Clemente, 748 Zona 07 - (44) 3028-6016

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Monte Castelo, 195 Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br* (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Edifício Aliança, R. Neno Felipe, 43, Sala 202, B. Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2772.3151 *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250
(84) 3201-1558

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
PASSO FUNDO - Galeria Dom Guilherme, sala 20 - Av. Presidente Vargas, 432 (54) 9993-7180
GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105, Morada do Vale - (51) 9864-5816
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807-1722
SANTA MARIA - (55) 8409-0166
santamaria@pstu.org.br

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, Centro (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696 agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
www.pstusp.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL - Rua Amaro André, 87 - Santo Amaro
BAURU - Rua Antonio Alves n°6-62 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3201-5672 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - Avenida 7 de setembro, 667 - Vila Martinho *edcosta16@itelefonica.com.br*
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 733 - Centro (11) 6441-0253 *guarulhos@pstu.org.br*
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Flaviano de Melo, 1213 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - Rua Carlos Miele, 58 - Centro (atrás do Terminal Ferrazópolis) - *(11)4339-7186* *saobernardo@pstu.org.br*
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

EDITORIAL

UMA LIÇÃO

Vivemos uma conjuntura de lutas salariais, provavelmente as mais importantes de todo o ano. Greves metalúrgicas, bancários, trabalhadores dos correios construção civil entre outras categorias estão saindo à luta.

Um elemento que se deve ressaltar é que os trabalhadores, em distintos momentos, apresentaram um grau de radicalização e disposição de luta que não existia nos anos anteriores. Exemplos não faltam: os operários da construção civil de Belém (PA) se enfrentam duramente com a polícia; os metalúrgicos de Taubaté se rebelam contra a direção da CUT e impõem um aumento semelhante ao conquistado pelos metalúrgicos da GM de São José dos Campos (SP).

> **Por trás da radicalização existe uma base real, a piora das condições de vida como resultado da crise**

Por trás dessa radicalização existe uma base real, a piora das condições de vida como resultado da crise. O salário está ruim, o trabalhador tem que trabalhar por si mesmo e por seu colega que foi demitido. O resultado é um ritmo infernal na linha de produção. As doenças do trabalho se proliferam, atingindo seus colegas de trabalho e agora você.

Trata-se do preço que está sendo pago pelos trabalhadores pela crise. A recuperação parcial que ocorre neste momento só é possível devido às condições de vida dos trabalhadores. É natural então que a situação dentro das empresas surja nas mobilizações salariais.

Essa bronca vai continuar, mesmo depois das greves atuais. Mas vale a pena pensar na situação nacional como um todo, e ver se tiramos uma lição de tudo isso. Foi divulgada uma pesquisa de opinião que indica que o governo Lula tem o apoio de 84% dos que ganham até dois salários mínimos.

Isso significa que, mesmo com toda essa bronca, os trabalhadores não culpam o governo pela situação, mas as empresas. É muito importante que os trabalhadores entendam que o patrão é seu inimigo, porque isso é uma parte da verdade. Mas a outra é que existe uma política econômica sendo aplicada no país, que é implementada pelo governo Lula.

Nessas campanhas salariais ocorreram várias rebeliões de bases contra a CUT e Força Sindical e CTB, passando por cima dessas direções. É também muito importante que os trabalhadores façam sua experiência com o peleguismo da CUT e Força Sindical e CTB. Mas é necessário entender que essas centrais têm uma direção que é Lula. O governo mandou esses dirigentes acabarem com a greve dos correios, e eles acabaram.

É necessário que existam muitas rebeliões de base contra o governo. É preciso que se aprenda uma lição da crise e da recuperação atual: o governo esteve, está e estará ao lado dos patrões, fazendo com que os trabalhadores paguem a conta. A política econômica do governo é a defesa dos interesses dos bancos e multinacionais.

SERGIO KOEI

Luta dos correios

SERGIO KOEI

Bancários deflagrando greve em São Paulo

ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL: NADA A COMEMORAR

WILSON H. SILVA, *da redação*

No dia 10 de setembro, o Estatuto da Igualdade Racial foi aprovado na Câmara dos Deputados, após dez anos de tramitação. A aprovação se deu após um acordo com a bancada ruralista, que excluiu o item que garantia a preservação e a posse das terras quilombolas. Outra bandeira histórica do movimento, as cotas, sequer foi discutida, já que o projeto sobre o tema foi desmembrado do texto original.

Além disso, foram retirados itens que implicariam a adoção de algum tipo de cota que garantisse uma maior presença de negros nos meios de comunicação. A medida que obrigaria os partidos a terem 30% de candidatos negros, como no caso das mulheres, o índice foi reduzido para 10%.

Se isso não bastasse, outro item do Estatuto, a obrigatoriedade do ensino de História da África e do Negro, na rede pública, já está em vigor e continuará contando apenas com a "boa-vontade" dos professores, já que Lula vetou o artigo que garantia o uso de dinheiro público para a formação dos educadores.

Na mesma linha, é mais do que ingenuidade comemorar a aprovação de um item que promete tratamento especial para doenças características da população negra (como a anemia falciforme) num país tomado pela gripe suína e com um sistema de saúde destroçado.

Os acordos e cortes foram feitos total cumplicidade do PT, do PCdoB e demais partidos aliados. E recebeu festivo apoio da maioria do movimento negro, há muito cooptado pelo governo. Cabe lembrar que o texto ainda seguirá para o Senado.

Nós do PSTU, exatamente por acreditarmos que são necessárias políticas de Estado e medidas efetivas para combater o racismo, nunca demos apoio à proposta formulada pelo governo por termos claro que a apresentação deste Estatuto está sendo utilizada como uma "cortina de fumaça". Trata-se de uma disfarçada "medida progressiva" para tentar encobrir o fato de que Lula, ao governar de acordo com os interesses da patronal, da oligarquia reacionária deste país e do imperialismo, não só é conivente com o racismo, como também o aprofunda, sempre que ataca as condições de vida dos trabalhadores em geral e daqueles historicamente marginalizados em particular.

Câmara aprova o estatudo da Igualdade Racial

Essa lógica patronal do governo ficou evidente, inclusive, num dos pontos mais comemorados do Estatuto: a aprovação de incentivos fiscais para empresas que tiverem míseros 20% de negros entre seus empregados.

O APOIO ENVERGONHADO MOVIMENTO

Um dos representantes mais conhecidos do movimento negro, o Frei David dos Santos, da Educafro, por exemplo, justificou seu apoio dizendo que "É melhor um estatuto não tão perfeito, mas aprovado, do que um perfeito engavetado".

Nós discordamos. O que precisamos é de igualdade não só de "direito" (muito menos pela metade), mas também de fato, no dia-a-dia, no local de trabalho, na escola e, inclusive, nas ruas, para não continuarmos vendo negros e negras sendo espancados ou assassinados devido ao racismo.

O "estatuto" que necessitamos é um que sirva como arma (inclusive legal) para combater uma realidade que pode ser constatada na análise de qualquer dado referente à situação sócio-econômica do país.

Apenas como exemplo, basta citar o resultado da pesquisa Relação Anual de Informação Social, publicada pelo Ministério do Trabalho, em agosto passado. Segundo o levantamento, enquanto a média salarial das mulheres negras é R$ 790 mensais, a dos homens brancos chega a R$ 1.671,00.

Ministro da Igualdade Racial, Edson Santos, abraça Lula

A razão desta enorme diferença é "simples": mulheres negras tem menos escolaridade, são obrigadas a assumir os piores postos de trabalho e geralmente submetidas à precarização e à informalidade (principalmente nos chamados serviços domésticos, onde se calcula que dos 8 milhões de trabalhadoras, apenas 2 milhões tenham carteira assinada).

Números como estes demonstram a necessidade imediata de políticas efetivas de combate ao racismo. Algo, contudo, que só poderemos conseguir com muita luta. O que só é possível de forma completamente independente dos patrões, dos oligarcas, dos reacionários e racistas. E, também, do governo que, hoje, os representa. Exatamente o caminho oposto que a maioria do movimento negro brasileiro vem tomando nos últimos anos.

UMA OPOSIÇÃO QUE DISFARÇA O RACISMO

Se o apoio do movimento foi envergonhado e vergonhoso, a oposição expressada por um setor da "intelectualidade" nacional foi escandalosa. Mal e porcamente esconde todo o racismo e elitismo que contaminam nossa sociedade.

Dois nomes merecem destaque: o sociólogo e geógrafo Demétrio Magnoli e a antropóloga Yvone Maggie, que assinam juntos um artigo publicado em 17 de setembro, no jornal Estado de S. Paulo, que é exemplar das posturas e métodos dos que querem negar (ou preferem conviver com) a existência do racismo no Brasil.

Ambos têm se utilizado do amplo acesso que têm à mídia e ao mercado editorial (coisa que negros e negras também não têm), para combater qualquer iniciativa anti-racista insistindo na tese de que o Estatuto, cotas ou qualquer coisa parecida irão criar uma monstruosidade: um Estado oficialmente dividido em raças. Algo que, segundo os autores, colocará o Brasil ao lado de experiências ultrajantes como o nazismo e o apartheid.

Ainda segundo a lógica distorcida dos autores, o principal problema destas políticas está no fato de que elas se baseiam em diferenças de "raça", conceito que, segundo eles e seus parceiros, não pode ser aplicado a um ser humano, pois é biologicamente equivocado.

Bem, que não existem diferenças entre os humanos que nos oponham da mesma forma que um "poodle" e um "pitbull" é um fato biologicamente inquestionável e não seria preciso um "doutorado" para saber disso.

Contudo não é preciso mais do que um pouco de honestidade intelectual para reconhecer que, mesmo não sendo correto do ponto de vista biológico, o conceito de "raça" existe como um fato da realidade social, política e econômica do mundo em que vivemos. E negar isto, é tentar negar a própria existência do racismo e de suas conseqüências.

Um dos aspectos mais irritantes do artigo assinado por Magnoli e Maggie é o fato de pretendem tirar dos negros e negras qualquer papel de protagonistas da História. Em seu artigo dizem que o ex-presidente Richard Nixon em 1969, "inaugurou os programas de preferências raciais no mercado de trabalho nos EUA".

Os professores "esquecem" que, no caso dos EUA, as leis aprovadas no final da década de 1960 foram escritas com o sangue de Malcolm X, Martin Luther King, dezenas de Panteras Negras e milhares de outros negros, e também brancos, que lutaram pelos direitos civis nos EUA.

WWW.PSTU.ORG.BR
Leia o artigo completo

METALÚRGICOS DE TAUBATÉ SE REVOLTAM CONTRA SINDICATO

APÓS VITÓRIA DOS TRABALHADORES da GM em São José dos Campos, metalúrgicos de Taubaté exigem que sindicato da CUT anule acordo rebaixado

***RENATO LOBATO E RICARDO MONTEIRO**, de Taubaté (SP)*

A campanha salarial vitoriosa dos metalúrgicos da General Motors de São José dos Campos (SP) repercutiu em outras categorias e se tornou referência para as campanhas que estavam em curso. Mais ainda, expôs a traição de direções sindicais, como o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, que negociaram acordos rebaixados com as montadoras num momento em que as empresas lucram à custa da isenção de impostos concedida pelo governo e o aumento do ritmo de trabalho dos operários.

Em Taubaté, cujo sindicato também é dirigido pela CUT, os metalúrgicos perceberam a traição e não ficaram de braços cruzados. Enquanto os trabalhadores da GM de São José conquistaram 8,3% de reajuste e R$ 1.950 de bônus, o acordo assinado pelo sindicato de Taubaté previa apenas correção de 6,53% e bônus de R$ 1.500. Os metalúrgicos não deixaram barato e foram para cima do sindicato.

REVOLTA NA VOLKS

Revoltados, os metalúrgicos pressionaram o sindicato a retomar as negociações com as montadoras, mais de uma semana depois de o acordo ter sido firmado. Na Volks, o sindicato sumiu da fábrica depois da traição. Após o fim da campanha salarial em São José, o clima de indignação era visível.

Os trabalhadores questionaram a realização da assembleia que aprovou o acordo num domingo, na sede da entidade, quando a maioria dos presentes era formada por aposentados e trabalhadores das autopeças. Ficou claro para os trabalhadores que o sindicato fez isso porque sabia que, caso a discussão fosse para a porta de fábrica, o acordo rebaixado seria rejeitado.

O fato de o sindicato ter partido para a campanha salarial sem sequer ter definido um índice de reajuste revoltou os metalúrgicos. Em meio a frases como "ano que vem é Chapa 2", "com a CUT não dá mais", "agora é Conlutas na cabeça", os trabalhadores colocaram o sindicato contra a parede. Um diretor da entidade teve que ser socorrido pelo RH da empresa para não ser agredido.

> **Após a aprovação do acordo rebaixado, o sindicato praticamente sumiu das fábricas**

Os trabalhadores indignados forçaram e, no dia 22, o sindicato foi obrigado a realizar uma assembleia. Lá, um dos diretores chegou ao cúmulo de afirmar que o acordo conquistado pelos metalúrgicos da GM em São José dos Campos teria sido concedido pelo Tribunal Regional do Trabalho de Campinas e que não era fruto da luta dos trabalhadores. Foi vaiado pelos operários.

O sindicato apresentou um "remendo" do acordo anteriormente assinado, que previa um reajuste diluído em 13 meses para se equiparar ao reajuste de São José, mas os trabalhadores recusaram e aprovaram greve.

No dia seguinte, o sindicato convocou nova assembleia para conter a greve. Para isso, utilizou várias mentiras. Afirmou, por exemplo, que os aumentos só poderiam ser concedidos pelas sedes da Ford e da Volks, respectivamente, nos EUA e na Alemanha, e que a empresa em Taubaté não poderia definir nada. Depois de várias manobras, finalmente conseguiu suspender a greve.

Trabalhadores da GM em campanha salarial conseguem 8,3% de aumento

METALÚRGICOS DA FORD INDIGNADOS

Se a revolta era grande na Volks, na Ford de Taubaté, uma das mais antigas fábricas automotivas do país, não foi diferente. No dia 22, com a reprovação do remendo de acordo pelos trabalhadores da Volks, o sindicato aproveitou que o horário de saída dos operários da Ford ocorre um pouco depois, e correu para lá a fim de aprovar o acordo. Mas os metalúrgicos já estavam sabendo do resultado na Volks e também rejeitaram o remendo.

> **Acordo provocou imenso desgaste no sindicato da CUT, que mostrou a quem serve**

No dia seguinte, porém, assim como fez na Volks, o sindicato pôs fim à greve na Ford. Ao término da assembleia, a entidade ainda deu uma pequena mostra do que entende por democracia. Seu presidente, Isaac do Carmo, perguntou se algum operário gostaria de usar o microfone e, para sua surpresa, um trabalhador levantou o braço. Quando foi pegar o microfone, o diretor disse que era para ele falar o que queria dizer aos colegas, que o próprio diretor falaria. Os dois discutiram por alguns minutos e o presidente do sindicato encerrou a assembleia sem ceder o microfone que havia oferecido.

CONLUTAS LEVA APOIO

Ao contrário do sindicato, a Conlutas esteve presente nas duas montadoras para prestar total apoio à luta dos metalúrgicos. Operários e dirigentes do sindicato de São José dos Campos distribuíram o boletim "Ferramenta de Luta" nos três turnos da Volks, com grande receptividade dos trabalhadores.

Já na Ford, no desespero de tentar conter a revolta dos operários, um diretor do sindicato, o Mil, tentou agredir um militante da Conlutas. O mesmo dirigente ficou transtornado quando viu que os metalúrgicos não só pegavam o boletim, como o distribuíam no interior da fábrica e colavam nas máquinas e armários.

A traição da CUT expôs de forma clara aos operários o verdadeiro papel da central. Enquanto os trabalhadores sofrem com a sobrecarga de trabalho provocada pela produção aquecida, e as empresas lucram com isenções do governo, a CUT age no movimento para impor os acordos das empresas e resguardar seus lucros.

SAIBA MAIS — COMPARE OS ACORDOS

EMPRESA	AUMENTO	PISO	ABONO
Toyota (Campinas)	10%	R$ 1.275	-
Honda (Campinas)	10%	R$1.275	-
GM (S. J. Campos)	8,3%	R$1.305	R$ 1.950
Renault (Paraná)	7,57%	R$1.381	R$ 2.000
Volvo (Paraná)	7,57%	R$1.381	R$ 2.000
ABC, Taubaté e São Carlos – CUT	6,53%	R$ 1.275	R$ 1.500

Fonte: Ferramenta de Luta

ARTICULAÇÃO E CTB ENTERRAM GREVE NOS CORREIOS

APESAR DAS MANOBRAS, acordo rebaixado ainda não foi assinado e ainda há condições de derrotá-lo

DA REDAÇÃO

Os trabalhadores dos Correios deram um grande exemplo de luta e fizeram uma forte greve que, infelizmente, foi enterrada pela direção do movimento, ou seja, pela corrente petista Articulação e a CTB (central ligada ao PCdoB).

A greve começou no dia 16 de setembro já com muita força, atingindo 27 estados e o Distrito Federal. Dos 35 sindicatos da Federação Nacional dos Trabalhadores (Fentect), 33 aprovaram greve. A mobilização foi tão forte que forçou a direção dos Correios a apresentar uma contraproposta já no dia seguinte ao início da paralisação.

De início, a empresa propôs apenas a reposição da inflação. Os trabalhadores exigiam, por sua vez, a reposição de 41% de perdas salariais e aumento linear de R$ 300 para todos os funcionários. Após a deflagração da greve, a ECT propôs 9% de reajuste e R$ 100 de reajuste, além de um pequeno aumento no ticket alimentação que, de R$ 20, passaria para R$ 21,50.

ACORDO BIANUAL

A proposta da empresa, porém, continha uma armadilha indecente. A direção dos Correios queria que o acordo tivesse o prazo de dois anos. Isso para que, em 2010, ano eleitoral, o governo não tivesse que enfrentar uma nova greve. Lula chegou a atacar os trabalhadores durante discurso no dia 18, quando afirmou que *"o bom dirigente sindical é aquele que tem coragem de começar a greve e tem coragem de acabá-la"*.

AGÊNCIA BRASIL

Trabalhador questiona acordo bianual

A direção da Fentect, por sua vez, comprometida com o governo, passou a fazer de tudo para desmontar a greve. A CTB, que dirige os três maiores sindicatos da categoria, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, atendeu ao chamado de Lula e passou a enterrar a mobilização. No dia 21, essa central tentou acabar com a greve em São Paulo, mas foi rechaçada pelos trabalhadores. No dia 24, no entanto, através de inúmeras manobras, conseguiu acabar com a paralisação na região que concentra o maior número de funcionários da empresa no país.

A partir daí, apesar da disposição dos trabalhadores, a direção foi desmontando a greve nos estados. *"A CTB foi decisiva para impor o acordo bianual e acabar com uma greve que começou muito forte"*, avalia Geraldo Rodrigues, o Geraldinho, diretor da Fentect e membro da Oposição Nacional dos Correios.

A proposta de acordo defendida pela direção representa uma dura derrota à categoria. Além disso, nem mesmo o pagamento dos dias parados está garantido. Os dirigentes da CTB alardearam nas assembleias que, se os trabalhadores votassem em sua proposta, os os dias parados não seriam descontados. Mas já veio o desconto de três dias nos holerites do mês de setembro. Ou seja, o desconto já está sendo realizado.

ACORDO AINDA NÃO FOI ASSINADO

Apesar de terem conseguido acabar com a greve, a direção da Fentect não obteve ainda o quorum para a aprovação do acordo com a ECT. *"Dos 35 sindicatos, só 16 aceitaram assinar, sendo que o quorum mínimo exige pelo menos 18"*, lembra Geraldinho. *"Isso significa que nem tudo está perdido e que ainda temos condições de derrotar esse acordo"*, afirma o dirigente.

CONTRUÇÃO CIVIL

OPERÁRIOS CONQUISTAM VITÓRIA EM BELÉM

DEPOIS DA MAIOR MOBILIZAÇÃO DA HISTÓRIA da categoria, trabalhadores encerram campanha salarial derrotando a patronal e a repressão do governo Ana Júlia (PT)

GILBERTO MARQUES, de Belém (PA)

A campanha salarial dos operários da construção civil de Belém teve grande preparação na base, com seminários e muita discussão nos canteiros de obra, que reúnem 20 mil trabalhadores.

A patronal propunha repor apenas a inflação do último ano (4,57%). Os trabalhadores não aceitaram. Uma nova proposta foi feita: 5%. No dia 3 de setembro, uma assembleia com mais de 2 mil trabalhadores teve início na frente do sindicato, virou uma grande passeata e terminou nas portas do sindicato dos patrões, decretando greve por tempo indeterminado.

MAIOR GREVE DA HISTÓRIA DO SINDICATO

Logo se percebeu que os operários não queriam apenas um aumento de salário, mas colocar para fora o sentimento de revolta contra a exploração sofrida diariamente nos canteiros de obra.

No primeiro dia de greve, uma passeata com mais de 8 mil trabalhadores (segundo a imprensa) saiu pelo centro de Belém. Outra caminhada, com 2 mil trabalhadores, ocorreu em um ponto distante da cidade. Foi a maior mobilização dos 101 anos do sindicato. A passeata principal fechou as obras em que ainda havia alguém trabalhando. Rapidamente, as bandeiras do sindicato, da Conlutas e do PSTU chegavam às janelas dos andares mais altos dos edifícios em construção.

REPRESSÃO E REAÇÃO

Ao chegarem a uma obra da construtora Urbana, os trabalhadores foram recebidos por capangas armados. Mas, mesmo com o apoio da PM, eles foram colocados para correr.

Depois de mais de três horas de passeata, um reforço policial chegou e iniciou a repressão. Os trabalhadores reagiram. Diversos operários saíram feridos, incluindo um que foi atropelado por um veículo, supostamente da PM.

A imprensa burguesa chamou os operários de baderneiros, mas, no segundo dia, a greve foi ainda maior. Inúmeras obras foram paradas sem a presença de dirigente do sindicato (são apenas 12 para mais de 200 canteiros de obras). Diversas liminares foram concedidas pela "Justiça", impedindo o sindicato de se aproximar das obras.

A VITÓRIA

No terceiro dia, decidiu-se suspender temporariamente a greve, mas a mobilização continuou. Uma fração minoritária da patronal cedeu e assinou um acordo com o sindicato.

No dia 24, pouco antes da assembleia que votaria o retorno à greve geral, a patronal comunicou que recuaria. A reunião já começou com sentimento de vitória, e o acordo foi aprovado por unanimidade. Para Ailson Cunha, coordenador-geral do sindicato e militante do PSTU, "foi uma vitória histórica, que fortalece as lutas e só foi possível porque os trabalhadores estiveram dispostos a lutar e o sindicato tem um direção que não baixa a cabeça à patronal".

NÚMEROS DA VITÓRIA

Os serventes de pedreiro (70% dos operários) vão ter 8,33% de reajuste. As demais categorias terão algo em torno de 7,5%. O desconto do vale-transporte cai de 6% para 4% e haverá adicional de 25% no salário para quem trabalha em andaime acima de três metros de altura.

O PARTIDO DA GREVE

Em todos os piquetes havia um militante do PSTU, fosse da construção civil, do movimento estudantil ou trabalhador de outra categoria. A presença foi reconhecida pelos trabalhadores que cumprimentavam nossos militantes, inclusive com reconhecimento formal na assembleia final. Dezenas de exemplares do Opinião Socialista foram vendidos. Um dia após o final da campanha salarial, 20 operários participaram de uma reunião do PSTU. A maioria interessou-se em fazer uma experiência de militância com o partido.

GREVE NACIONAL: BANCÁRIOS EXIGEM DE LULA ABERTURA DE NEGOCIAÇÃO

MOVIMENTO NACIONAL DE OPOSIÇÃO BANCÁRIA (MNOB) lança exigência a Lula para abertura de negociação nos bancos públicos

DA REDAÇÃO

A greve nacional bancária entra em sua segunda semana com toda força. Bancários de todo o país decidiram cruzar os braços no último dia 24. Foi a primeira vez em anos que os bancários de todos os estados deflagram uma greve unificada.

A decisão de ir à greve foi a única alternativa encontrada pelos bancários diante do impasse provocado pela Fenaban (Federação Nacional dos Bancos) na mesa de negociação. Apesar dos lucros conquistados pelo setor, só nesse primeiro semestre os maiores bancos tiveram mais de R$ 14 bilhões, a proposta dos banqueiros aos trabalhadores foi de um reajuste que mal repõe a inflação do período. Os bancos oferecem apenas 4,5% de reajuste.

Os bancários, por sua vez, além do arrocho, sofrem com as demissões no setor provocadas pela recente onda de concentração, como a compra do Banco Real pelo Santander e a incorporação do Unibanco pelo Itaú. Além disso, penam com a sobrecarga de trabalho, como no caso dos bancários da Caixa Econômica Federal, que precisam atender a demanda provocada pelo programa "Minha Casa, Minha Vida", sem que o governo tenha suprido a necessidade de mão de obra demandada pelo programa.

Como se isso não bastasse, a proposta de PLR (Participação nos Lucros e Resultados) realizada pelos banqueiros é ainda pior que a do ano passado. Enquanto que, em 2008, os bancos pagaram o limite de 15% do lucro líquido em PLR, neste ano, eles querem pagar apenas 5,5%. Segundo cálculo do Dieese, essa proposta retiraria R$ 1,2 bilhão dos bancários, considerando o valor pago em PLR no ano passado pelos seis maiores bancos.

A reposta da categoria foi uma greve que, de adesão, já supera a greve de 2008. Os dois primeiros dias de paralisação contaram com o fechamento de mais de 4.700 agências bancárias e centros administrativos. *"A greve está muito forte, atingiu até agora 80% dos locais de trabalho no país, só em São Paulo mais de 35 mil bancários pararam"* avalia Wilson Ribeiro, bancário do Banco do Brasil e dirigente da Oposição.

SERGIO KOE

Greve bancária em São Paulo

DEFASAGEM

Enquanto os bancos têm lucros recordes ano após ano, principalmente sob o governo Lula, os bancários sofrem com uma profunda defasagem salarial. De julho de 2004 a agosto de 2009, os bancários dos bancos privados amargam 24% de defasagem.

No caso dos funcionários dos bancos públicos a situação é ainda mais dramática. Os bancários de bancos como o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal sofrem com perdas de, respectivamente, 80% e 90% nesse período.

Apesar disso, a direção da Contraf-CUT (Confederação Nacional dos Trabalhadores no Ramo Financeiro) e os sindicatos cutistas reivindicam reposição salarial de apenas 10%, menos da metade do arrocho sofrido pela categoria. Já a Contec (Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito, a outra confederação, originada da antiga CGT) reivindica 25% de reajuste.

O Movimento Nacional de Oposição Bancária e sindicatos como o do Rio Grande do Norte e Bauru (SP), e Maranhão, por sua vez, lutam por um reajuste de 30%, que cubra a defasagem sofrida pelos trabalhadores e ainda garanta aumento real. O MNOB também exige que 25% do total dos lucros dos bancos sejam repartidos para todos os bancários em PLR.

NÃO À MESA ÚNICA DA FENABAN

Em todos os anos, a direção do movimento tenta "esconder" o governo atrás da mesa única da Fenaban. Impede, assim, a discussão sobre a absurda defasagem dos bancários dos bancos públicos e protege o governo do desgaste, além de estender os reajustes rebaixados dos bancos privados a toda categoria.

Por isso, o MNOB está exigindo mesas específicas de negociação, para que os trabalhadores dos bancos públicos possam reivindicar suas perdas. *"Mesmo que por enquanto ainda não tenha se definido nada no âmbito da Fenaban, orientamos desde já que os bancários dos bancos públicos continuem a greve por suas reivindicações"*, afirma Wilson.

LULA, NEGOCIE COM OS BANCÁRIOS!

Diante da intransigência dos banqueiros, as negociações na Fenaban estão completamente travadas. Por isso, o MNOB propôs na reunião do Comando Nacional de Greve em Brasília nesse dia 28, a aprovação de uma moção exigindo de Lula a abertura de negociação no Banco do Brasil e na Caixa Econômica Federal. A abertura de negociação nos bancos públicos ajudaria a pressionar pela negociação nos bancos privados.

"Estamos orientando que os bancários aprovem a moção em todas as assembleias da categoria", afirma o dirigente do MNOB.

LEIA A MOÇÃO APRESENTADA PELO MNOB

MOÇÃO DOS BANCÁRIOS AO GOVERNO LULA

Os bancários de todo o país iniciaram uma greve geral da categoria no último dia 24. Os bancos receberam mais de 200 bilhões de reais de vosso governo, no final do ano passado, por conta da crise econômica que se abateu sobre o mundo.

No primeiro semestre deste ano, o sistema financeiro brasileiro alcançou o estrondoso lucro de 14 bilhões de reais, e pode dobrar este valor até o fim do ano.

No entanto, a Fenaban mantém uma postura tacanha e intransigente nas negociações. Depois de sua oferta e da recusa dos trabalhadores em aceitá-la, com a greve, cessaram as negociações e não estamos com perspectivas de retomá-las.

Por isso, entendemos ser muito importante a retomada das negociações nos bancos públicos e um possível acerto, com uma proposta satisfatória, para se destravar as negociações na Fenaban.

ENTENDA

PERDAS ACUMULADAS (de julho de 2004 a agosto de 2009)

Bancos privados - 23,25%

Banco do Brasil - 80,49%

Caixa Econômica Federal - 90,84%

O QUE REIVINDICA:

Contraf-CUT - 10%

Contec - 25%

MNOB - 30% e mesas específicas para repor as perdas nos bancos públicos

A CRISE ACABOU? NÃO, ESTÁ APENAS COMEÇANDO...

DEPOIS DE DOIS TRIMESTRES DE QUEDA LIVRE (último de 2008 e primeiro de 2009), a economia mundial apresentou uma recuperação parcial no segundo trimestre deste ano. O que provocou uma propaganda dos capitalistas de que a crise teria terminado. Trata-se, porém, de mais um engano

EDUARDO ALMEIDA,
da Direção Nacional do PSTU

Os propagandistas da burguesia, muito bem pagos, defendem interesses financeiros (retomar seus negócios especulativos) e políticos (fortalecer os governos de plantão).

Nós defendemos interesses opostos, dos trabalhadores. Nossa obrigação é interpretar a evolução da crise sob a ótica marxista, apontar sua dinâmica e possíveis relações com a luta de classes.

Essa é a maior crise econômica dos últimos 80 anos, e a recuperação atual é apenas conjuntural. Não existe perspectiva imediata de um novo auge como nos anos 90. Essa recuperação momentânea vai levar a uma nova queda violenta, ou a um crescimento anêmico seguido por nova crise. Podemos dizer que a crise está apenas começando.

Vivemos uma crise cíclica de superprodução, das que ocorrem a cada período de seis a nove anos no capitalismo. A crise atual é agravada por ser a primeira em muitos anos em que todas as economias imperialistas entraram em recessão ao mesmo tempo, e por ter seu centro no coração do imperialismo, os EUA.

A superprodução levou a quedas violentíssimas na produção industrial, entre 15% a 25% nos países imperialistas. A indústria automobilística, carro chefe da produção industrial, deve deixar de produzir quase 10 milhões de veículos em 2009.

Mas não se trata de mais uma crise cíclica. Houve uma combinação com uma descomunal crise financeira (a quebra que sacudiu os bancos dos países imperialistas), abrindo um período de maior recessão na economia. Está vindo abaixo uma montanha de capital fictício, a gigantesca bolha financeira acumulada em trinta anos de globalização.

SEMELHANÇAS COM 1929

A queda abrupta no quarto trimestre de 2008 e primeiro de 2009 se assemelhou ao início da depressão de 1929. Um estudo de dois professores norte-americanos de economia, Barry Eichengreen e Kevin O'Rourke, comparou os dados e chegou às seguintes conclusões:

"Na realidade, quando olhamos globalmente, como na figura 1, o declínio na produção industrial nos últimos nove meses tem sido tão severo quanto nos nove meses seguintes ao pico de 1929."

"O comércio mundial está caindo atualmente com muito mais rapidez que em 1929-30 (figura 2). Isto é altamente alarmante, dada a iminência, pela literatura histórica, da destruição do comércio ser um fator que compõe a Grande Depressão."

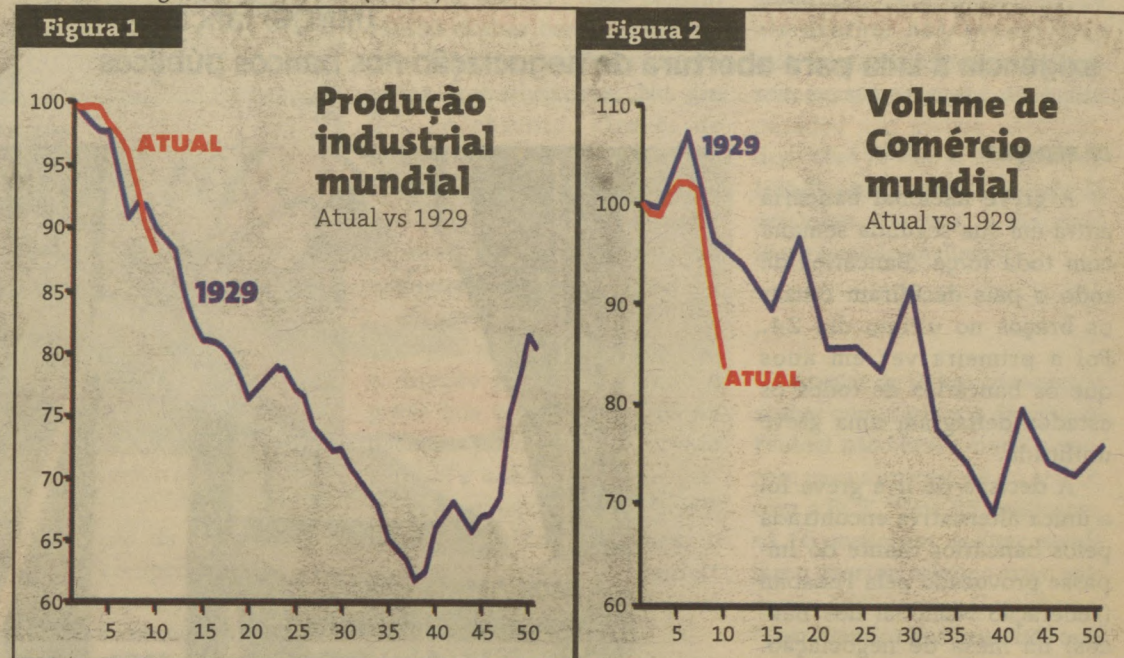
Os dados dos professores provam que as quedas da produção industrial na Alemanha e nos EUA foram semelhantes às de 1929. As da Itália, França e Japão são ainda piores que em 1929. O volume do comércio mundial caiu 15 % na fase atual, frente a 4% no mesmo estágio em 1930.

> **Mesmo na depressão de 1929 houve recuperações parciais, mas que foram seguidas por uma nova queda em 1933**

Os processos recessivos não são lineares. Mesmo na depressão de 1929 houve recuperações parciais. Depois da queda forte, veio uma recuperação em meados de 1930, seguida por uma nova e violenta queda, que foi até 1933. Houve uma recuperação importante entre 1933 e 1937, e outra queda. A depressão de 1929 só terminou mesmo com a Segunda Guerra Mundial.

Esse exemplo histórico é interessante para demonstrar que a recuperação conjuntural atual poderia ser compatível mesmo com uma depressão como aquela. Não achamos que essa seja a hipótese mais provável, embora não possa ser descartada.

O mais provável é que não tenhamos uma depressão no momento, mas um período longo de quinze ou vinte anos de ciclos marcados por crescimentos fracos e crises fortes.

Fonte: Eichengreen e O'Rourke (2009)

UMA GRANDE DIFERENÇA COM 1929

A GRANDE BURGUESIA aprende com seus erros

Uma das grandes diferenças entre a situação atual e a de 1929 é a ação dos governos imperialistas. Naquela época, o governo dos EUA deixou a crise correr, sem fazer nada para evitar a recessão. Agora, os governos imperialistas injetaram uma soma próxima a 24 trilhões de dólares na economia. Uma atitude inédita na história, que evitou a extensão da quebradeira dos bancos iniciada com o Lehman Brothers. Uma boa parte dos principais bancos do mundo foi salva da falência imediata, além de muitas outras grandes empresas industriais e comerciais que perderam dinheiro com a farra financeira.

No entanto, essa ação dos governos bloqueou a evolução natural da crise, com a queima de capitais e quebra das empresas. O outro lado da moeda é que continua existindo uma crise de superprodução, muitas empresas seguem existindo mesmo com grandes crises e a taxa de lucros não foi recuperada. Novos tremores podem explodir a qualquer momento.

Os grandes bancos usaram também esse afluxo de capitais para retomar o processo especulativo, usando os fundos públicos para novas aplicações. Existem novas ondas especulativas nas bolsas de todo o mundo (inclusive no Brasil).

Os reflexos na produção puderam ser sentidos no segundo trimestre de 2009. Existe uma recuperação parcial e conjuntural em alguns países imperialistas (Alemanha, França e Japão) e nos BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China). É provável que a economia dos EUA já apresente crescimento no terceiro trimestre deste ano. Estamos, portanto, perante uma recuperação parcial da crise no segundo trimestre de 2009, depois de uma queda livre nos dois trimestres anteriores.

Essa recuperação se deve em primeiro lugar às encomendas governamentais. Segundo a Folha de S. Paulo, nos EUA, "mais de um quinto da atividade econômica entre abril e junho teve como causa direta o gasto público, como o vinculado ao pacote de US$ 787 bilhões aprovado no início do ano pelo Congresso. A despesa estatal subiu 10,9% no trimestre." O jornal ainda escreve: "os investimentos empresariais, maiores fontes para a criação de empregos em qualquer economia, também voltaram a cair, mas em ritmo bem menor. A queda foi de 8,9%, ante 39,2% no trimestre anterior."

COMO OS GOVERNOS ESTÃO ATUANDO PARA SAIR DA CRISE?

Além de entregar uma soma extraordinária aos bancos e grandes empresas, os governos estão enfrentando a crise com outros meios. Há um ataque brutal aos empregos e salários dos trabalhadores, simbolizado pelos acordos automobilísticos nos EUA, como os da GM e Chrysler. Na GM, 21 mil trabalhadores foram demitidos, os novos funcionários terão um terço dos salários atuais, e foram perdidos a aposentadoria e o seguro médico.

O plano para fazer os trabalhadores pagarem pela crise é rebaixar seus salários e direitos aos índices dos países semicoloniais. Os trabalhadores dos EUA passariam a receber como os do Brasil, os daqui como os trabalhadores da China, etc. Conseguiram dar um passo neste sentido com esses "acordos" da GM e Chrysler.

Nos EUA, já foram demitidos 6,7 milhões de trabalhadores. Junto com isso, aumentaram a produtividade (6,4% no segundo trimestre). Para isso servem os governos de grande popularidade, como Obama e Lula: fazer os trabalhadores pagarem a conta da recuperação.

Desempregados chineses no auge da crise

A EVOLUÇÃO DOS BRICS

A propaganda do capital afirma que os BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China) podem ser novos países dominantes em médio prazo. Nada mais falso.

Os BRICs são as novas formas de submetrópoles do imperialismo. Países controlados diretamente pelas grandes empresas multinacionais aí instaladas, que os utilizam como plataforma de produção e exportação (aproveitando a mão de obra barata e matérias-primas) para os países da região. Têm papéis diferenciados dentro da divisão mundial do trabalho definida pelas multinacionais: a China é uma grande fábrica (no início de produtos de baixa incorporação de tecnologia, agora avançando para produtos mais sofisticados); o Brasil, na produção de matérias-primas; a Rússia, com petróleo, gás e matérias-primas; a Índia, com serviços financeiros e tecnologia da informação.

Eles não vão se transformar em potências dominantes. O papel de submetrópole implica em uma subordinação cada vez maior aos governos imperialistas e, por sua vez, uma exploração de outros países semicoloniais, a partir das multinacionais instaladas nos BRICs.

A China tem neste grupo uma característica especial, sendo uma espécie particular de submetrópole. É um país gigantesco (20% da população mundial) que agora está se industrializando e urbanizando. A forma como se deu a restauração do capitalismo permitiu a existência de uma ditadura brutal e mão de obra superexplorada. Além disso, tem uma relação complementar com a economia norteamericana. As multinacionais ocuparam o país exportando para todo o mundo, mas especialmente para os EUA. Extraem uma gigantesca quantidade de mais-valia pagando salários miseráveis ao proletariado chinês e reenviam uma parte considerável dessa mais-valia sob a forma de exportação de lucros para suas matrizes. Outra parte importante da mais-valia é enviada para os EUA através da compra pelo tesouro chinês de títulos do governo dos EUA. O governo chinês tem cerca de um trilhão de dólares do tesouro norte-americano. A China depende do mercado dos EUA, e o governo dos EUA depende do capital vindo da China para financiar seus débitos.

> **O papel de submetrópole implica em uma subordinação cada vez maior aos governos imperialistas, além de uma exploração dos países semicoloniais**

Os BRICs tiveram uma evolução desigual na crise. Todos sofreram, mas em ritmos e intensidades desiguais. Porém, a crise foi atenuada nesses países. A China teve uma queda muito importante em sua produção. Caiu de 13% de crescimento ao ano para 6%, e agora está retomando, já atingindo 9%. Existem dois motivos principais para isso. O primeiro é que a crise foi congelada nos países imperialistas antes de atingir sua maior intensidade. Seria muito diferente caso os países imperialistas seguissem afundando, o que inevitavelmente arrastaria os BRICs, que dependem do mercado mundial, em particular dos EUA. O mercado interno da China não pode substituir toda uma economia voltada para a exportação.

O segundo motivo é ainda uma hipótese. O imperialismo já está atuando na crise acelerando sua estratégia de transferência de plantas industriais de matérias-primas (mineração, siderurgia) e automóveis dos países imperialistas para os BRICs. A indústria automobilística, por exemplo, está fechando dezenas de fábricas nos países imperialistas e abrindo outras na China e no Brasil.

OS LIMITES DA RECUPERAÇÃO

Apesar dos estímulos fortíssimos vindos do Estado, os investimentos privados (o motor da economia capitalista) ainda seguiram caindo no segundo trimestre de 2009 nos EUA. Os investimentos dependem da recuperação da taxa de lucros, o que ainda não aconteceu. Isso explica os limites da recuperação parcial atual. E abre uma séria interrogação: até quando os governos conseguirão bancar essas gigantescas "bolsas família" de banqueiros?

O déficit público dos países imperialistas está explodindo. Nos EUA, os juros da dívida nacional vão crescer de 172 bilhões de dólares neste ano para mais de 800 bilhões de dólares em dez anos. A dívida pública chegará perto de 85% do PIB europeu em 2010, e deve alcançar 140% do PIB das economias imperialistas em apenas cinco anos, segundo o FMI.

Essa farra inevitavelmente um dia vai ter de ser paga com cortes nos serviços sociais. E terá de ser revertida para uma política "austera", clássica do FMI. Isso significará parar de empurrar a economia com esses pacotes. Até lá, a burguesia já terá recuperado a taxa de lucros e retomado seus investimentos? Caso não consiga, uma nova crise virá.

Na hipótese de que a burguesia consiga reverter a taxa de lucros e os investimentos, teremos uma recuperação real da economia. Mas ela se daria em bases anêmicas. Não existe no horizonte nenhum auge como o dos anos 90, que se deveu a uma combinação de fatores econômicos e extraeconômicos, como a incorporação da informática e a reestruturação produtiva, a restauração do capitalismo no Leste Europeu e os planos neoliberais.

O que surge no horizonte é o mesmo neoliberalismo, agravado por um predomínio parasitário ainda maior do capital financeiro, ataques aos trabalhadores e países semicoloniais.

Além disso, a maneira usada pelo imperialismo para conseguir essa recuperação está agravando suas contradições internas. Uma nova e gigantesca bolha financeira está se iniciando com todo esse dinheiro público.

É possível que acabe ocorrendo uma quebra no sistema financeiro internacional ao se ampliar brutalmente o déficit público nos EUA e fragilizar ainda mais o dólar como moeda universal.

A EVOLUÇÃO DA CRISE E A LUTA DE CLASSES

Existe uma estreita relação entre a dinâmica da crise e a luta de classes. O imperialismo, para sair da crise, vai descarregá-la sobre os ombros do proletariado e dos países semicoloniais

Até agora, existe um descompasso no grau dos ataques (muito violentos) e na resposta dos trabalhadores (ainda frágil). Pesou a confiança dos trabalhadores em governos como o de Obama e o de Lula (e nas burocracias sindicais que os apoiam), que conseguiram impor suas políticas sem grandes lutas. Influiu também o medo do desemprego.

A recuperação parcial, porém, se dá sobre a base de uma piora da situação social dos trabalhadores, que estão pagando a conta. Os índices de desemprego são fortíssimos, com a previsão de mais 25 milhões de desempregados até final de 2010. Além disso, os que estão trabalhando enfrentam salários reduzidos, contratos temporários e ritmos de trabalho infernais. Essa combinação – recuperação parcial e piora social - pode inicidir nas lutas de todo o mundo.

Um ascenso importante pode também influir sobre o próprio desenvolvimento da crise, afetando a retomada da taxa de lucros das empresas e a própria recuperação.

E A CRISE NO BRASIL?

EDUARDO ALMEIDA, *da redação*

O Brasil é parte da crise econômica, ainda que com características próprias. O país acompanhou passo a passo a dinâmica internacional: recessão no último trimestre de 2008 e primeiro de 2009 (-3,4% e -1%, respectivamente), recuperação no segundo trimestre de 2009 (1,9%).

Para os que pensam que é possível escapar da crise, a própria simultaneidade da recessão é uma resposta. O país é parte da economia internacional, submetido cada vez mais ao domínio das multinacionais aqui presentes.

A produção industrial caiu 7,4% no último trimestre de 2008, a maior queda desde 1996. No primeiro trimestre deste ano, afundou mais 3,1%. A indústria quase parou. Não se tratou de uma "marolinha", como afirmou Lula. Quase um milhão de trabalhadores perderam seus empregos.

A crise, no entanto, foi atenuada no país. Vejamos os fatores que explicam isso, um a um.

O MERCADO INTERNO

O país tem uma extensão continental e uma população de 180 milhões de pessoas. Mesmo com uma brutal concentração de renda, existe um mercado interno importante com a classe média e setores do proletariado, que permite uma escala de produção de peso para as multinacionais aqui instaladas.

O Brasil ainda tem o centro de sua produção voltado para o mercado interno. É verdade que o peso das exportações vem crescendo em termos relativos como fatia da produção industrial. Era de 7,5% nos anos 90, e foi para 13,1% em 2008. Nas grandes empresas é ainda maior, chegando em alguns ramos a 30% da produção. Ainda assim, se trata de uma relação completamente distinta da economia chinesa, que ampliou o peso do comércio internacional na produção de 6,3% para 34,9% por cento entre 1980 e 2004, e hoje ronda os 40%.

O mercado interno sustentou a economia na crise, com a queda das exportações. A porcentagem das exportações na indústria automobilística caiu de 13,9% em 2008 para 9,4% no primeiro semestre deste ano.

O PAPEL DE SUBMETRÓPOLE

O Brasil é um dos BRICs, uma plataforma de exportação para as multinacionais aqui instaladas. Juntando o mercado interno brasileiro com os países latinoamericanos, as multinacionais têm escala suficiente para a produção. Com salários baixíssimos, é possível instalar aqui fábricas modernas e conseguir uma alta taxa de mais-valia relativa e absoluta.

Isso favorece a manutenção dos investimentos das multinacionais no país, mesmo na crise, para seguir a transferência de indústrias dos países imperialistas para cá. É por isso que a GM, por exemplo, que está fechando fábricas nos EUA, investe fortemente no país.

O país está girando cada vez mais para a exportação de matérias-primas (minérios e produtos agropecuários) na divisão internacional do trabalho imposta pelo imperialismo, em particular desde a globalização.

Isso amorteceu inclusive a queda nas exportações. Na indústria extrativa mineral - que inclui o minério de ferro -, a fatia destinada ao mercado externo saltou de 48,5% em 2008 para 53,1% no primeiro semestre de 2009. É o peso das exportações de ferro para a China mantendo empresas como a Vale.

A SITUAÇÃO DOS BANCOS

Os bancos no Brasil não viveram a crise dos bancos imperialistas. O motivo é que, com o fabuloso negócio dos títulos públicos (captam empréstimos no exterior com juros baixos e emprestam ao governo com taxas mais altas), eles não precisaram entrar na farra dos derivativos.

Além disso, o governo conta com bancos estatais de peso como Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e BNDES para incidir na política econômica.

A POLÍTICA ECONÔMICA DO GOVERNO

O governo Lula teve uma política semelhante à dos governos imperialistas para enfrentar a crise. Entregou cerca de 300 bilhões de reais aos bancos e grandes empresas. Acelerou os investimentos do estado com o PAC e lançou planos como o Minha Casa, Minha Vida para ajudar as empresas da construção civil. Além disso, estimulou o consumo, reduzindo o IPI para automóveis e aparelhos domésticos.

Por outro lado, o governo apoiou as empresas nos ataques aos trabalhadores, sempre com a ajuda da CUT, Força Sindical e CTB. Com isso, reproduziu o mesmo padrão dos governos imperialistas: apoio monumental às grandes empresas e ataque ao proletariado. O resultado é que os trabalhadores estão pagando os custos da recuperação parcial da economia, com salários rebaixados, ritmo de trabalho brutal (para compensar os demitidos) e precarização das condições de trabalho.

O FUTURO DA ECONOMIA BRASILEIRA ESTÁ LIGADO AO DA ECONOMIA MUNDIAL

Os fatores que descrevemos foram elementos importantes para diminuir a crise, mas não suficientes para evitá-la. Caso a crise econômica tivesse seguido se aprofundando, os reflexos aqui teriam sido muito mais severos.

É um equívoco pensar que o país teria condições de tentar uma saída pelo mercado interno para evitar a crise. Isso realmente ocorreu na depressão de 1929, quando existia a possibilidade de substituição das importações por uma nova produção industrial, comandada por uma burguesia nacional. Hoje, este espaço não existe, com as multinacionais ocupando a economia, com uma produção industrial instalada e complexa. O avanço na internacionalização da produção ocorrida desde então impede esse tipo de saída autárquica.

A tendência atual é de uma reativação também anêmica e limitada, acompanhando a economia internacional, que ainda terá sérias limitações no comércio mundial no próximo período. Pode ser que o PIB no país em 2009 esteja próximo de zero. A taxa de lucros das grandes empresas caiu 41,4% no segundo trimestre (quando ocorreu a recuperação parcial) em relação ao mesmo período do ano passado. Os investimentos seguem também deprimidos.

Quando surgir uma nova crise internacional, ela deve se expressar com força no país. As desigualdades voltarão a ocorrer. O ritmo em que isso vai se dar ainda é uma incógnita. A hipótese mais provável é que Lula consiga impor seu plano de jogar a crise para depois das eleições de 2010. Mesmo exploda uma nova crise, as particularidades descritas podem ajudar a adiar sua chegada ao país. Antes ou depois das eleições, os reflexos virão. E podem ser bem piores que os que atingiram o país, a depender de sua dimensão internacional.

PARA ESCAPAR DAS CRISES É PRECISO ROMPER COM O CAPITAL

As crises não são fenômenos da natureza, nem sentenças divinas. São produtos do capitalismo. Para evitá-las é necessário romper com o capital e reorganizar a economia de acordo com as necessidades dos trabalhadores. Para isso é necessário avançar em um programa que inclua:

- ruptura com o imperialismo

- expropriação dos bancos, sob controle dos trabalhadores

-expropriação das multinacionais, sob controle dos trabalhadores

-reestatização empresas privatizadas, como a Vale, Embraer, CSN, sob controle dos trabalhadores

- aumento geral de salários

-jornada 36 horas, sem redução salarial

-plano de obras públicas para garantir emprego, financiado com não pagamento da dívida externa e interna

- reforma agrária sob controle dos trabalhadores

O TRABALHO EM RITMO ALUCINANTE

COMO A BURGUESIA e o governo fazem os trabalhadores pagarem os custos da recuperação

*JEFERSON CHOMA, da redação**

As grandes empresas demitiram cerca de um milhão de trabalhadores desde o início da crise. Aos que continuam trabalhando, impõem um forte arrocho salarial e um ritmo alucinado para suprir as tarefas dos que foram demitidos. O governo entregou bilhões para as empresas e nada para os trabalhadores. É assim que Lula e os empresários querem que os trabalhadores paguem os custos da recuperação parcial

Um dos casos mais escandalosos é o da Embraer, que demitiu 4.270 trabalhadores em fevereiro. "Depois das demissões, o ritmo de trabalho aumentou na produção, pois os operários que ficaram têm que produzir pelos outros trabalhadores que foram dispensados pela empresa", explica Hebert Claros, vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e trabalhador da Embraer.

Mas o que deixa os operários mais indignados é o fato de a empresa apresentar uma franca recuperação. Segundo balanços divulgados pela Embraer, o lucro obtido até o segundo trimestre deste ano foi de 467 milhões de reais. Um resultado que já é superior ao do ano passado, quando a empresa obteve um lucro de 429 milhões de reais. Até o final do ano, porém, a companhia poderá obter um lucro próximo dos 650 milhões de reais que atingiu em 2007, no auge do período de crescimento econômico. A empresa prevê a entrega de 242 aviões para este ano, contra 204 no ano passado e 169 em 2007.

Comparando os dados, fica claro que a Embraer promoveu as demissões em massa apenas para compensar sua perda com a especulação com os derivativos cambiais. Todo o faturamento obtido neste momento é conquistado à custa de brutal exploração, degradação das condições de trabalho e aumento exagerado no número de horas extras.

As demissões na Embraer também provocaram um efeito nefasto nas empresas fornecedoras, onde as demissões foram bem maiores. Na Sobraer, por exemplo, foram demitidos quase 80% dos funcionários. Restou aos que ficaram cumprir jornadas extenuantes de trabalho.

PAÍS DAS HORAS EXTRAS...

Apesar de ainda não existir um estudo sobre a jornada de trabalho depois da crise econômica, uma pesquisa feita em 2008 pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) a respeito da redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais mostra que o Brasil tem uma das maiores jornadas do mundo. "A queda da remuneração nos últimos anos, as altas taxas de desemprego e a pressão patronal fazem o trabalhador aceitar o prolongamento da sua jornada como forma de retomar o antigo poder aquisitivo e diminuir o risco de demissão", diz o estudo.

O banco de horas, a reestruturação produtiva e a falta de limites às horas extras são apontados como os principais meios para o aumento da exploração. "O tempo de trabalho total, além de extenso, está cada vez mais intenso, em função de diversas inovações técnico-organizacionais implementadas pelas empresas. Também em muito tem contribuído para essa intensificação a implementação do banco de horas", conclui o Dieese.

O instituto ainda calcula que o número de horas extras feitas no Brasil chega a 52,8 milhões por semana.

...E DAS DOENÇAS DE TRABALHO

As jornadas extensas e imprevisíveis têm resultados trágicos para os trabalhadores, que são afetados por doenças como estresse, depressão, hipertensão, distúrbios no sono e lesão por esforços repetitivos, entre outras.

Em 2008, uma pesquisa realizada pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos na fábrica da GM revelou que doenças de trabalho afetam a maioria dos trabalhadores. Os dados mostram que 67% dos entrevistados apresentam dores no pescoço e nos ombros. Lesão no ombro foi a queixa de 54% dos pesquisados e 39% disseram ter algum problema de coluna.

"É impressionante a quantidade de jovens em torno de 20 a 25 anos de idade que têm problemas que antes eram relacionados a doença de 'velho' como hérnia de disco, bursite e surdez. Esta é a prova de como as fábricas levam os trabalhadores a níveis de vida cada vez mais precários", afirma Hebert.

É o caso de Júlio (seu nome verdadeiro foi omitido para evitar retaliações), que trabalha na Embraer há três anos. Em depoimento ao Opinião Socialista, disse que em todo este período vivenciou uma jornada cada vez mais brutal, com ritmos alucinantes. Tudo isso o levou a graves problemas de saúde. "Fui obrigado a realizar uma cirurgia na coluna, o que me levou a ficar afastado e assim somar-me ao grande número de trabalhadores lesionados, vítimas da rotina de trabalho", afirma.

Os lesionados geralmente são as primeiras vítimas das empresas na hora de demitir. Quando o peão chega à "fadiga de material", como se costuma chamar dentro da fábrica, o operário é descartado como uma peça que não serve mais à linha de produção.

Hoje, após passar pelos traumas da cirurgia na coluna, Júlio expressa este temor. "Não posso mais praticar esportes como futebol, mas, mesmo assim, trabalho em pé nesta longa jornada e tenho que conviver com o grande fantasma chamado demissão", diz.

O problema é ainda mais grave porque muitos trabalhadores lesionados não possuem nenhuma proteção. A maioria dos sindicatos ligados à CUT e à Força Sindical abre mão da cláusula que garante estabilidade no emprego aos lesionados. O Sindicato dos Metalúrgicos em São José dos Campos, contudo, é um dos poucos a manter essa garantia. "Em todos estes anos, as centrais governistas colaboraram para o avanço das políticas neoliberais de parceria com a patronal, cujo resultado foi a precarização do trabalho graças à reestruturação produtiva. A defesa do banco de horas por parte deles é uma clara demonstração dessa política", conclui Hebert Claros.

*colaborou Felix Mann

Reduzir a jornada de trabalho já!

A insatisfação dentro das empresas é cada vez maior. Além dos salários arrochados, as condições de trabalho estão cada vez piores. A crise provocou um aumento brutal da jornada de trabalho e o governo é cúmplice da super exploração. Além de serem obrigados a cumprir muitas horas-extras sob ameaça de demissão, os trabalhadores ainda enfrentam doenças. O problema das lesões é extremante grave para a classe trabalhadora e criam limitações que interferem na sua vida profissional e pessoal. Exigimos do governo Lula uma legislação que proteja os lesionados, que estão à mercê dos patrões nas fábricas.

Diante do aumento brutal do ritmo de trabalho, defendemos o fim do banco de horas e a imediata redução da jornada de trabalho para 40 horas, sem redução de salários e de direitos. Precisamos conquistar a jornada de 40 horas para arrancar dos patrões e do governo a redução para 36 horas. Além de gerar empregos, a medida vai proteger os trabalhadores das jornadas extenuantes

AS CRISES DO CAPITAL NA ÓTICA MARXISTA

QUAIS SÃO AS CAUSAS das crises? Como funciona seu mecanismo básico?

***EDUARDO ALMEIDA**, da redação*

Existe um grande debate entre os marxistas sobre a origem das crises cíclicas do capitalismo, em boa parte porque o próprio Marx não chegou a completar seu livro fundamental (O Capital).

Uma corrente marxista com peso razoável (a sua mais notável defensora foi Rosa Luxemburgo) atribui as crises ao subconsumo das massas, ou uma "brecha de demanda". No capitalismo, o valor produzido pelos trabalhadores é sempre maior do que seus salários, o que corresponde a mais valia. Ou seja, parte do valor é embolsada pelos capitalistas na forma de lucros. Quanto maior for a participação dos lucros no valor total produzido, maior seria a brecha da demanda. Ou seja, para os "subconsumistas", as crises seriam originadas pelo fato dos trabalhadores não poderem consumir todos os bens que produzem. Isso ocasionaria a superprodução, queda nos lucros e a crise.

Essa teoria tem vários equívocos. Em primeiro lugar, sua conclusão lógica é que os aumentos salariais ajudam o capitalismo a sair da crise. Apesar de ser popular entre os defensores do "mercado interno", sendo apresentada como saída para a crise, isso não tem nada a ver com a realidade do capital. A crise em geral estoura nos momentos do auge, quando muitas vezes os salários estão mais altos. E a saída para os capitalistas é sempre a mesma: o aumento da mais valia pela redução dos salários.

Além disso, segundo o economista Anwar Shaikh: "Dentro de um quadro assim, é evidente que qualquer intervenção econômica que reforce e dirija os fatores expansionistas pode superar, em princípio, a ameaça de estagnação. A economia keynesiana, por exemplo, proclama que o estado, seja por conta de seus próprios gastos, seja estimulando o gasto privado, pode alcançar os níveis socialmente desejados de produção e emprego e desse modo determinar, em última instância, as leis de movimento da economia capitalista." (Valor, acumulação e crise)

Os subconsumistas não teriam como explicar a situação atual da crise capitalista. Com a maior intervenção dos Estados imperialistas de todos os tempos, uma espécie de keynesianismo brutal, não haveria razão para não se superar a crise atual do capital. Nunca houve na história nada semelhante à injeção de verbas públicas feita nesse momento. E, pelo menos a nosso ver, a crise não foi resolvida.

Mas a interpretação marxista mais sólida para as crises capitalistas é a que as relaciona com a tendência à queda das taxas de lucros. Essa interpretação inclui a questão do consumo dos trabalhadores, mas dentro de outra ótica mais ampla.

A LÓGICA DA TAXA DE LUCROS

Os capitalistas desenvolvem duas guerras ao mesmo tempo; contra os trabalhadores e na concorrência contra outros capitalistas. Fazem isso para garantir o móvel central de sua atividade que é a obtenção do maior lucro possível.

A batalha contra os trabalhadores é para reduzir o chamado capital variável, composto pelos salários pagos. Uma parte fundamental da batalha da concorrência para aumentar a produtividade é o investimento na mecanização e em matérias primas. Isso aumenta a outra parte do capital, chamado capital constante. Assim a dupla guerra dos capitalistas pode ser resumida na redução do capital variável (os salários dos trabalhadores) e ampliação do capital constante (pela mecanização).

Dentro dos ciclos, nas fases de expansão, as grandes empresas investem na mecanização, aumentam a produtividade, para produzir com preços mais baixos que as concorrentes. Tais medidas possibilitam a abertura de novas fábricas ou ampliação das existentes.

A taxa de lucro relaciona a mais valia e o total do capital investido (capital variável mais o capital constante). A massa de lucros é diferente da taxa, por ser a quantidade total dos lucros obtidos pelos capitalistas. A tendência dos capitalistas de investir em máquinas e ampliar o capital constante leva à ampliação da capacidade produtiva por um lado, mas por outro conduz à diminuição relativa do capital variável (dos salários pagos aos trabalhadores). Como a taxa de lucro é definida por uma equação que tem em seu numerador a mais valia extraída dos trabalhadores e no denominador a totalidade do capital investido (mais valia / capital constante mais capital variável), teremos uma tendência à diminuição da taxa de lucros na medida em que se amplia o investimento em capital constante por parte dos capitalistas.

Quanto mais se amplia a capacidade produtiva, com mais máquinas e equipamentos, mais se impõe a tendência a diminuir a taxa de lucros. Isso não deve ser confundido com a massa total de lucros que em geral continua aumentando. O capitalista consegue um lucro menor por mercadoria, mas como produz e vende mais mercadorias, sua massa de lucros aumenta.

Mas as outras empresas reagem com o mesmo tipo de iniciativa de ampliação da capacidade produtiva, o que leva a uma forte disputa pelo mercado. A produção é cada vez maior e acaba superando a massa salarial disponível para consumir os produtos a um preço que possa fornecer o lucro médio esperado. A taxa de lucros cai mais e acaba afetando a massa de lucros. Aí então os capitalistas param de investir. A queda da taxa e da massa de lucros não compensa novos investimentos, e vem a crise de superprodução.

Aqui a massa salarial e sua capacidade de consumo têm importância, mas não decidem a crise. Só quando a taxa e a massa de lucros caem é que ocorre a crise. Ou seja, a crise acontece porque os capitalistas param de investir na economia.

Nesse momento do ciclo, ocorre a destruição do capital constante (fechamento de fábricas) e de capital variável (redução de salários e desemprego), como pré-condição para se restabelecer o aumento da mais valia e da taxa de lucros.

Por isso, os capitalistas recorrem a reduções dos salários para escapar da crise e tentar voltar a elevar seus lucros. Por mais que os governos injetem dinheiro na economia, enquanto não se queimar o capital excedente (com a falência das empresas mais fracas) e se restabelecer a taxa de lucros das empresas, o crescimento econômico não será retomado.

Esse é o mecanismo básico das crises cíclicas, que têm uma duração determinada entre 5 e 10 anos.

PELO DIREITO DE DECIDIR

28 DE SETEMBRO foi o Dia de Luta pela Descriminalização do Aborto na América Latina e Caribe. Além dos riscos à saúde, mulheres que fizeram aborto estão sendo perseguidas no Brasil

ANA ROSA MINUTTI,
da Secretaria de Mulheres do PSTU

Cerca de um milhão de mulheres brasileiras fazem aborto todos os anos. Mesmo nesse universo gigantesco, há um padrão, uma espécie de identidade entre as mulheres que fazem aborto. Em geral, ela tem entre 20 e 29 anos, trabalha e tem pelo menos um filho. Trabalha, mas ganha pouco. Como doméstica, manicure ou cabeleireira, não chega aos três salários mínimos.

Esse é o perfil da mulher brasileira que aborta, segundo pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Eles chegaram até esse perfil analisando os resultados de mais de duas mil pesquisas sobre o aborto no Brasil, elaboradas nos últimos 20 anos.

Mas a maior parte das informações veio de mulheres que procuraram os hospitais e postos de saúde da rede pública das grandes cidades, depois de induzir o aborto em casa. O levantamento também mostra que o principal método abortivo usado no país é o Cytotec, um remédio para gastrite que também é abortivo.

DIREITO DE DECIDIR

Há muitos motivos para uma mulher recorrer ao aborto. Muitas vezes, há os obstáculos econômicos, como desemprego, salário baixo, falta de comida na mesa. Ou a mulher não se sente em condições físicas e psicológicas para ter e criar a criança. Nisso, há também o papel do machismo, que enxerga a mulher como única responsável pela criação dos filhos. Na lógica machista, cabe a ela manter os filhos limpos, alimentados e saudáveis, sendo dela a responsabilidade e a enorme pressão de manter os filhos estudando, longe das drogas, enfim, formar o seu caráter.

Seja qual for a razão para uma mulher não querer levar adiante uma gravidez, é ela quem tem de decidir. Esse direito democrático de decidir sobre seu próprio corpo e a sua vida deve ser garantido pelo Estado.

O que vemos, porém, depois de quase oito anos de governo Lula, é que as mulheres não conseguiram conquistar nem mesmo o direito ao aborto que já está legalizado. A maioria dos hospitais não atende os casos previstos em lei, como risco de morte da mulher ou quando a gravidez é resultado de um estupro.

ESSA HIPOCRISIA DÁ HEMORRAGIA...

O aborto no país já é uma prática legalizada para as mulheres ricas, sem perigo de morte ou sequelas, ou de serem presas e condenadas. Para elas, há toda uma rede de atendimento médico funcionando, que garante que ela possa decidir sobre seu corpo, sem correr risco de vida.

Mas esse atendimento custa caro. Para as mulheres trabalhadoras e pobres, sobra a opção de tentar o aborto em casa, com saídas como os remédios. São elas as que procuram o atendimento médico da rede pública, já com sinais de hemorragia.

Além do enorme risco de morrer ou ficar com graves sequelas, ainda podem ser presas e condenadas, como é o caso da clínica em Mato Grosso invadida pela polícia, com fichas médicas de cerca de dez mil mulheres foram abertas.

Destas, quase duas mil mulheres estão sendo investigadas e já há casos de algumas que foram obrigadas a prestar penas alternativas.

Protesto em São Paulo condena Igreja Católica

DA REDAÇÃO

A pesquisa realizada por especialistas da UnB e da Uerj também mostrou que a maioria das mulheres que abortam são católicas. Ou seja, além de enfrentar os riscos à saúde e a perseguição do Estado, ainda têm de conviver com a hipocrisia da Igreja à qual dedicam sua fé.

"Se o papa fosse mulher, o aborto seria legal". Com essa palavra de ordem, teve início o protesto na Praça da Sé, em frente à Catedral, nesta segunda-feira, dia 28. Após um rápido ato, cerca de 150 pessoas fizeram uma caminhada pelas ruas do centro velho de São Paulo, exigindo a legalização do aborto.

A passeata, convocada pela Frente Contra a Criminalização das Mulheres e pela Legalização do Aborto, reuniu a Marcha Mundial de Mulheres, as Católicas Pelo Direito de Decidir e o Movimento Mulheres em Luta, da Conlutas, entre outros. Havia representantes de vários partidos políticos, como PT, PCdoB, PSOL, PSTU e de organizações como LER-QI.

Com faixas e cartazes, elas afirmaram que "nenhuma mulher deve ser impedida de ser mãe. E nenhuma mulher pode ser obrigada a ser mãe!".

O Movimento Mulheres em Luta, da Conlutas, que faz parte da frente, lançou um manifesto. No texto, afirma que "quem de fato nega o direito a maternidade às mulheres trabalhadoras hoje é o Estado, que não garante as mínimas condições necessárias para as mulheres que querem ter filhos, como emprego, salário igual para trabalho igual, moradia, creches, licença-maternidade de no mínimo seis meses obrigatória, assistência médica e educação de qualidade. É esse mesmo Estado que se coloca no direito de criminalizar as mulheres que optam por interromper a gravidez".

LEMINSKI: O POLACO-NEGRO, O TROTSKISTA-BUDISTA

*"me enterrem com os trotskistas
Na cova comum dos idealistas
onde jazem aqueles
que o poder não corrompeu"* *

WILSON H. DA SILVA, *da redação*

Em 1989, pouco antes de morrer, o escritor curitibano Paulo Leminski rabiscou um bilhete com uma de suas frases curtas, irônicas e certeiras: *"Nunca estive muito interessado em envelhecer, eu que sempre amei a juventude"*.

Hoje, 20 anos depois de ter sua intensa vida abreviada por uma cirrose que o matou aos 44 anos (em 25 de agosto passado seria seu 65° aniversário), muito provavelmente Leminski iria se sentir rejuvenescido se soubesse que seus fabulosos "haicas" estão circulando pelas ruas através da na nova mania dos jovens, o "twitter", num formato que já está sendo chamado de "twicais".

Em primeiro lugar, é preciso que se diga que chega a ser animador saber que a mais recente novidade da comunicação virtual (que permite troca de mensagens com, no máximo, 140 caracteres) está sendo usada para algo mais do que a troca de futilidades e informações banais. E, melhor ainda, é saber que Leminski esteja na raiz desta história.

Afinal, acima de tudo, Leminski foi um cultuador e renovador da palavra e de suas possibilidades poéticas. Seja como escritor, ensaísta, crítico tradutor ou poeta, ele sempre se manteve próximo dos princípios da estética "concretista" (que ajudou a divulgar juntamente com gente como os irmãos Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari), que tem na sua base o vínculo inseparável e dialético entre a forma e o conteúdo dos textos.

Uma poética que nunca se recusou a incorporar as novidades (das falas das ruas, à gíria e aos palavrões). Mesclando-a com influências que vinham simultaneamente da cultura popular (como trocadilhos, músicas e a fala coloquial) e do melhor da cultura universal (de "clássicos" como o russo Dostoievski ou de tradições mais "distantes", como o latim de Petrônio e os curtíssimos haicais, trazidos da poesia japonesa).

Caetano Veloso, Paulo Leminski e Moraes Moreira

O BALAIO POÉTICO UM POLACO-NEGRO, TROTSKISTA-BUDISTA

Tentar definir Leminski é uma tarefa impossibilitada pela própria vida e obra do poeta. Descendente de poloneses e negros; simpatizante, na juventude, do grupo "Liberdade e Luta" e adepto apaixonado da cultura e religiosidade do Oriente, o escritor fez da "mescla" (sempre instigadora e inteligente) uma de suas principais marcas, o que pode ser exemplificado, na forma e conteúdo, através de seus mais fabulosos haicais: *"en la lucha de clases / todas las armas son buenas / piedras, noches, poemas"*.

O mesmo aplica-se à sua obra em prosa. Catatau (1976), Agora é que são elas (1984), Metaformose (1994) e o livro de contos O gozo fabuloso (publicado em 2004) dificilmente podem ser chamados "apenas" de romances ou contos, já que tangenciam, sem muita definição de fronteiras, a poesia, a ficção ou ensaio literário.

Um estilo com o qual Leminski também impregnou sua série de biografias – reunidas num volume único, intitulado "Vida", lançado em 1990 – no qual ele reconstitui, de forma maravilhosamente poética a vida de personagens tão distintos como Jesus Cristo, o poeta simbolista negro Cruz e Sousa, o revolucionário russo Leon Trotsky e o poeta japonês, do século 17, Matsuô Bashô, criador dos haicais.

No caso de Trotsky, é de fato impressionante a relação que Leminski estabelece entre três figuras fundamentais da história da Revolução Russa e os personagens centrais de "Os irmãos Karamazovski", de Dostoévski. Como também, "Trotski: paixão segundo a revolução", é fundamental para todos aqueles que queiram entender as concepções do líder revolucionário em questões fundamentais, como as relações entre arte, modo de vida e revolução.

*"esta vida é uma viagem
pena eu estar
só de passagem"*

*"isso de querer
ser exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além"*

*"acordei bemol
tudo estava sustenido
sol fazia
só não fazia sentido."*

*"A vida não imita a arte.
Imita um programa ruim
de televisão."*

*sossegue coração
ainda não é agora
a confusão prossegue
sonhos afora*

*"pra que cara feia?
na vida
ninguém paga meia."*

POESIA DA VIDA, VIDA EM POESIA

Foi com essa mesma perspectiva multifacetada, que se recusa a separar a poesia da vida, que também orientou as traduções realizadas pelo escritor. Fluente em diversas línguas (francês, japonês e latim, dentre outras), Leminski verteu para o português obras essenciais, como o Satiricon, de Petrônio, Sol e aço, de Yukio Mishima (ambas de conteúdo fortemente homoerótico); o Supermacho, do alucinado dramaturgo Alfred Jarry; além de poemas e novelas de James Joyce.

Foi também essa sua enorme capacidade do domínio lingüístico que transformou o poeta curitibano num "improvisado" letrista de músicas em dezenas de parcerias feitas com gente como Caetano Veloso, "A cor do som", Moraes Moreira, Arnaldo Antunes e Itamar Assumpção.

Quando morreu, no dia 7 de junho de 1989, o consumo excessivo de álcool e a conseqüente cirrose tinham coberto a vida e obra de Leminski com uma inegável melancolia e um razoável isolamento social, como ele mesmo deixou registrado: *"Pariso / Novayorquiso, Moscoviteio / Sem sair do bar./ Só não levanto e vou embora / Porque tem países / Que eu nem chego a Madagascar"*. Contudo, passadas duas décadas, é impossível não reconhecer a atualidade e força da obra do poeta.

Uma vitalidade que, hoje, pode ser conferida na ampla exposição inaugurada em São Paulo – vide box –, com auxílio da poeta Alice Ruiz (com quem foi casado durante 20 anos e teve as filhas Áurea e Estrela, que também estão trabalhando na preservação e resgate da obra do autor), mas que ainda está pulsante na extensa obra deixada pelo escritor.

Apesar de ser difícil imaginar Leminski (que sequer usava máquina de escrever para compor seus textos) "twitando" mundo afora, até mesmo porque ele, certamente, seria um crítico da onda de banalização que cerca esta e outras formas e práticas de escrita do "mundo digital", não deixa de ser interessante que seja através deste mecanismo que novos leitores estejam descobrindo o autor.

Afinal, Leminski soube, como poucos sintonizar-se a seu mundo e tempo para transformar as inquietudes, frustrações e também amores e paixões de uma geração, encontrando novas e moderníssimas formas para fazer poesia com palavras e conceitos – como "paixão", "arte" e "revolução" – que apesar de parecerem distintas e distantes, são inegavelmente inseparáveis, como demonstram tanto a vida e poesia do autor, quanto os sonhos que, todos nós que lutamos por um mundo melhor, alimentamos.

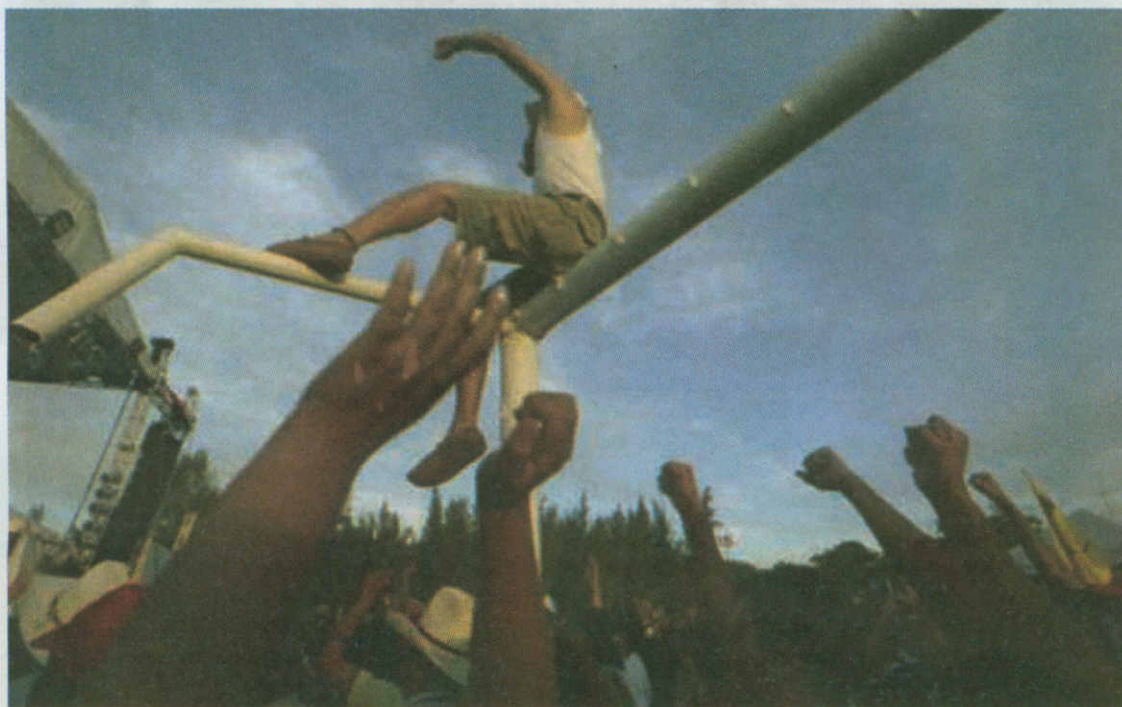
* trecho do poema para Liberdade e luta

PARA SABER MAIS

Os leitores do Opinião podem encontrar um artigo mais abrangente sobre a obra de Leminski no portal do PSTU (***"Leminski: paixão e revolução"***, publicado em setembro de 2004). Quem está em São Paulo, não pode perder a exposição ***"Ocupação Leminski: vinte anos em outras esferas"***, instalada no Itaú Cultural, até 8 de novembro (leia a matéria de "dicas", com uma bibliografia completa do autor, também no portal).

Declaração da LIT-QI

POVO HONDURENHO MOSTRA QUE PODE DERRUBAR O GOVERNO GOLPISTA

Leia a declaração da LIT-QI sobre a organização da luta contra o golpe em Honduras. Quando fechávamos esta edição, o governo golpista acabava de editar um decreto proibindo protestos públicos e suspendendo a liberdade de expressão e de imprensa. Rádios e emissoras de TV foram fechadas

Fotos (acima e abaixo) da manifestação do dia 23 que, mesmo sob repressão, reuniu 50 mil pessoas

A entrada de Zelaya em Honduras produziu um salto nas mobilizações contra o governo golpista de Micheletti. Às marchas pacíficas, duramente reprimidas, sucederam-se ações das massas nos bairros populares da capital e do resto do país. Os trabalhadores e o povo hondurenho estão desafiando o toque de recolher [agora transformado em estado de sítio], defendendo seus bairros com barricadas e confrontos com as forças policiais e assaltando os supermercados para poder se alimentar. Os trabalhadores e o povo hondurenho estão sendo os protagonistas da história. Este novo ascenso da lutas só foi possível graças à heroica resistência dos últimos três meses. Sem ela, seria impossível que Zelaya pudesse regressar ao país.

O governo golpista está tentando acabar com as mobilizações através da repressão. Contudo, com toda sua brutalidade, ainda não chegou aos níveis sanguinários das ditaduras militares da Argentina ou a chilena de Pinochet, porque sabem que estão isolados e a qualquer momento a situação poderá se reverter.

A repressão, porém, está produzindo um efeito contrário. O toque de recolher, o fechamento de fronteiras e a repressão indiscriminada estão levando setores populares que até agora estavam neutros ou favoráveis aos golpistas a se somarem à resistência. A burguesia hondurenha (inclusive a centro-americana) está tendo enormes perdas econômicas e percebe que manter o apoio a Micheletti não está sendo um bom negócio.

Em discurso na abertura da Assembleia da ONU, o presidente Lula, apoiado pela administração de Barack Obama e outros porta-vozes do imperialismo como Zapatero, deixou claro que o imperialismo apoia o regresso de Zelaya e propõe sua restituição ao governo através do chamado Acordo de San José. O perigo de que o governo golpista de Micheletti caia pela ação das massas empurrou esses senhores a pressionar por uma negociação. Ao provocar a radicalização nas ações das massas hondurenhas, o imperialismo está orquestrando a volta dos embaixadores de Honduras, junto com os representantes da OEA (Organização dos Estados Americanos) e, novamente, de Oscar Arias para resolver o conflito através das negociações, tentando resguardar as instituições que apoiaram e realizaram o golpe: Forças Armadas, Tribunal Supremo, Congresso e Igreja. Com isso, querem salvar a oligarquia e as famílias latifundiárias e burguesas para que não sejam varridas pela ação das massas. O imperialismo quer salvar essas instituições porque elas historicamente sustentaram sua dominação no país. Para o imperialismo, Honduras foi uma "fortaleza" que por décadas permitiu o controle da América Central.

Zelaya mostra-se disposto a dialogar nos marcos propostos pela diplomacia internacional e tem recebido os candidatos golpistas às eleições de novembro. Micheletti, por sua vez, continua propondo que ambos renunciem para viabilizar as eleições dos golpistas. O imperialismo e a burguesia hondurenha têm pressa de resolver o conflito antes que as massas o façam.

A mobilização das massas vai objetivamente para além da restituição de Zelaya, pois enfrenta instituições cuja origem está na velha ditadura dos anos 70. As exigências de punição para todos os golpistas e a convocação de Assembleia Constituinte são prova disso. Mas, sem a radicalização das lutas, é impossível que a queda do governo golpista leve junto as instituições que orquestraram e apoiaram o golpe. Sem a mobilização, não há garantias de que sejam punidos os golpistas que estão reprimindo o povo.

Chamamos o povo hondurenho a não confiar nem em Lula, nem em Obama ou nos organismos internacionais do imperialismo (ONU e OEA). Seu interesse é salvar as instituições hondurenhas que estão a serviço da oligarquia. Saudamos os trabalhadores e o povo hondurenho por sua heroica resistência, por converter os bairros populares em fortalezas contra o governo golpista e de resistência. É preciso estender e aprofundar a luta contra o golpe. Por isso, apoiamos o apelo da Frente Nacional de Resistência ao Golpe de organizar a luta a partir da base. É preciso se organizar em cada bairro, em cada centro de trabalho e de estudo, nas cidades e aldeias do interior. A Frente Contra o Golpe, nestes momentos cruciais, deve ser independente e não aceitar nada que não seja o retorno incondicional de Zelaya ao governo, o fim do regime e de suas instituições.

Viva a luta do povo hondurenho!

Fora golpistas e suas instituições!

Não ao Acordo de San José!

Restituição incondicional de Zelaya!

Assembleia Constituinte para varrer as instituições golpistas, a oligarquia e a dependência do imperialismo!

Secretariado Internacional da LIT-QI
25 de setembro de 2009

WWW.PSTU.ORG.BR
Leia mais sobre a resistência ao golpe

"RESISTÊNCIA ESTÁ ORGANIZADA EM MAIS DE 100 BAIRROS DA CAPITAL"

Honduras está sendo sacudido por protestos desde o retorno do presidente Manuel Zelaya. Além de manifestações em frente à embaixada do Brasil, onde o presidente se refugiou, há várias outros protestos nos bairros da capital Tegucigalpa. O Opinião Socialista entrevistou Tomás Andino, membro da Frente de Resistência Contra o Golpe, que falou sobre a situação

Manifestação do dia 23 reuniu cerca de 50 mil pessoas

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

Opinião - Fale sobre as últimas manifestações populares e também sobre os protestos nos bairros operários.

Tomás Andino - No dia 22, houve uma forte repressão contra aqueles que estavam comemorando o retorno do presidente. A repressão ocorreu por toda a cidade e dispersou todos os manifestantes. Neste mesmo dia, à noite, houve um levante na maioria dos bairros de Tegucigalpa. A população saiu às ruas, mas a repressão foi dura. A polícia estava descontrolada. Neste dia, foi decretado o toque de recolher, que foi praticamente um estado de sítio, pois foram cassadas todas as liberdades.

A brutalidade do governo golpista causou uma grande indignação na população, inclusive em pessoas que não estavam participando dos conflitos. Ocorreram saques em supermercados nos bairros. As pessoas tomaram os supermercados para obter alimentos e remédios. Essa reação da população tem a ver com o toque de recolher imposto pelo governo, que impediu a população a comprar alimentos. Algumas delegacias de polícia também foram atacadas pelos manifestantes. As mobilizações nos bairros foram muito fortes e isso assustou muito a burguesia.

No dia seguinte [23], foi suspenso o toque de recolher. Neste dia, fizemos uma manifestação com 50 mil pessoas. Fomos até a embaixada, onde o cerco militar é muito grande. Lá, a manifestação foi reprimida pelo exército. Na quarta-feira, a polícia também desencadeou uma repressão mais seletiva nos bairros, indo à captura de dirigentes, mas teve o interesse particular de reprimir os jovens. Foi quando levaram os prisioneiros ao Estádio Olímpico [Chochi Sosa].

Ontem [quinta-feira, 25] foi um dia mais calmo. Não ocorreram mobilizações, apenas uma pequena marcha. A orientação foi trabalhar na organização nos bairros.

Detalhe do dia 23

> O discurso de Zelaya chamando ao diálogo tem causado muita confusão entre a resistência. As pessoas se questionam: do quê está falando o presidente?

Como está essa organização nos bairros?

Tomás Andino - A organização é ainda rudimentar. Foi formada recentemente, em meio ao processo de lutas. Eu diria que em Tegucigalpa existem uns cem bairros que estão organizados, onde a base é praticamente formada por jovens. São os jovens que estão na vanguarda disso e se organizaram espontaneamente. Há outros bairros onde não existe organização da frente de resistência, mas as pessoas estão saindo pra lutar. Isso porque existem outros tipos de organização, como a de clubes desportivos, ligados aos clubes de futebol. São organizações dos próprios moradores que têm enfrentado as ações da polícia.

A orientação é continuar fortalecendo essas organizações locais. Também de manter-se nas ruas realizando manifestações centrais se dirigindo à embaixada brasileira. Também chamamos as pessoas de outros departamentos do país para que venham a Tegucigalpa. Neste momento há uma manifestação indo em direção à embaixada.

Como está o governo no momento? Existem fissuras nas fileiras da classe dominante?

Tomás Andino - Aparentemente existe um setor mais "político" que busca algum diálogo para evitar uma reação do Conselho de Segurança das Nações Unidas e da comunidade internacional.

Mas, ao mesmo tempo, existe um setor duro no exército que pressiona para retirar o presidente Zelaya da embaixada. É uma situação contraditória. Na noite passada, esteve na embaixada uma comissão de diálogo, composta por políticos e pela Igreja. Mas hoje o exército lançou ataques com um gás tóxico contra a embaixada. Muitas pessoas lá dentro estão com graves problemas de saúde. Vomitam sangue e têm problemas para respirar. Estão lançando gases e não se sabe de que tipo. Aparentemente, há uma tentativa de retirar rapidamente o presidente antes que se agrave a situação. Por outro lado, há todo um discurso de diálogo por parte dos partidos golpistas.

O discurso de Zelaya chamando o diálogo tem causado muita confusão entre a resistência. As pessoas se questionam: do que está falando o presidente? Está dialogando com os golpistas ou está contra eles? Está pela derrubada dos golpistas?

Supermercado saqueado

Marcha do dia 25